



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional
Curso de Psicologia

Trabalho de Conclusão de Curso

Discursividades Amorosas: agenciamentos descoloniais

Monique Navarro Souza

Pelotas, 2019.

Monique Navarro Souza

Discursividades Amorosas: agenciamentos descoloniais

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Psicologia da Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Míriam Cristiane Alves

Pelotas, 2019.

Monique Navarro Souza

Discursividades Amorosas: agenciamentos descoloniais

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial, para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia, Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 09 de Julho de 2019.

Banca examinadora:

.....
Prof^a. Dr^a. Míriam Cristiane Alves (Orientadora).
Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

.....
Prof. Dr. Luis Artur Costa
Doutor pelo Programa Interdisciplinar do PPGIE pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

.....
Prof^a. Dr^a. Kelin Velirão
Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas.

.....
Esp. Marlete Andrize de Oliveira
Mestranda em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Agradecimentos

À Psicologia UFPel e professorxs do curso;

Aos mestres que passaram pela minha caminhada na UFPel e me transformaram com os seus ensinamentos: Kelin Valeirão, Édio Raniere, Fracis Londer e Míriam Alves.

Aos amigues que foram minha força motivadora em Pelotas: Bárbara, Gustavo, Marina Tremper, Sabrina Vaz, Wagner P., Humano Vitor, Luiza Affonso, Tiago M., Juliano Gass, Carol Nunes, Dirceu Junior, Raysha, Flávia Trindade, Pamela Alves e Débora R.

Aos amigues que estão longe, e me apoiaram durante esses anos: Andressa, Ana L. Pelizzaro, Gabriela Pertuzzatti, Ricardo Brandolt, Kainan, Juliander Florindo, Clevy, Lucas Bit., Marina Testolin, Carol Zezé, Maria Elô, Camila P., Jo Se e Rayan.

Ao Grupo de Estudos Foucault UFPel.

Ao Núcleo de Estudos e Pesquisa E'leeko, por toda a aprendizagem.

À família Ocupação Canto de Conexão, pelo acolhimento nesta etapa final da graduação.

À minha mãe e meu pai, pelo apoio fundamental durante esse processo, em especial minha irmã Mônica, meu irmão Thyago e minhas três lindas sobrinhas: Joana, Elise e Milena.

Às minhas avós, Eloí Lafuente e Vera Falcão.

Aos anos que pude viver o Movimento Estudantil e a Autogestão enquanto componente do Centro Acadêmico da Psicologia UFPel.

Capsi Devirantes

Capsi Estamira

Capsi Conatus

Às minhas colegas de estágio na UBS CSU Areal, Joyce e Andrezza.

À minha supervisora de clínica Giovana L.

Aos colegas de trabalho na Casa Bender, em especial Nídia, Marina L., Wilzinho e Arthur.

.

À Pelotas, pelos oito anos de morada, de alegrias e tristezas, de amores e devaneios, de muita experiência. Sentirei saudades.

À secretária do curso Silvana, por toda sua atenção e cuidado.

Aos trabalhadores da UFPel, que deram suporte ao meu cotidiano, muito obrigada.

À PRAE e toda sua equipe, em especial às Psicólogas Juliana e Lisandra.

A todo o caos criador de vida.

Resumo

SOUZA, Monique Navarro. Discursividades Amorosas: agenciamentos descoloniais; 2019. 28f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Curso de Psicologia, Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

Neste trabalho de conclusão de curso, pretende-se tratar da temática do amor em três movimentos. O primeiro “Amar a Falta” discutiremos a concepção de amor a partir de Platão (2011) no livro *O Banquete*, ao salientar tal discursividade como base epistemológica na produção do pensamento colonial no Ocidente. No segundo, “O Amor em Comunidade” trata-se de trazer para o texto a obra de Sobonfu Somé (2007) *O espírito da Intimidade - Ensinaamentos Ancestrais Africanos sobre maneiras de se relacionar*, para pensarmos discursos não ocidentais acerca dos modos de relacionamentos, no que diz respeito a compreender o Amor enquanto uma experiência compartilhada, vivenciada coletivamente ao direcionar o olhar para outra matriz civilizatória. No movimento “Descolonizar o Amor”, busca-se a partir das discursividades apresentadas, questionar os pressupostos epistemológicos que fundam os conhecimentos instituídos, ao problematiza-los junto das teorias descoloniais, no intuito de complexificar os modos legitimados de compreender e experienciar as relações amorosas. Como considerações finais deste trabalho, enfatiza-se a importância de inventar outros modos possíveis de entendimento e experiências sobre o dispositivo do amor no contemporâneo, ao afirmar as pluralidades de concepções para tal fenômeno na existência humana.

Palavras-chave: discursividades amorosas; dispositivo do amor; amor descolonial.

Abstract

In this work of course completion, we intend to deal with the theme of love in three main movements. The first "Love the Fault" will discuss the conception of love from Plato (2011) in the book *The Banquet*, emphasizing such discursiveness as epistemological basis in the production of colonial thought in the West. In the second, "Love in Community" is about bringing to the text the work of Sobonfu Somé (2007) *The spirit of Intimacy - African Ancestral Teachings on ways to relate, to think non-Western discourses about modes of relationships*, by understanding Love as a shared experience, lived collectively by directing the gaze to another civilizational matrix. In the "Decolonization of Love" movement, one seeks from the discursiveness presented, to question the epistemological presuppositions that ground the established knowledge, to problematize them with the decolonial theories, in order to complexify the ways of understanding and experiencing the amorous relationships. As final considerations of this work, it is emphasized the importance of inventing other possible modes of understanding and experiences on the device of love in the contemporary, affirming the pluralities of conceptions for such phenomenon in human existence.

Keywords: amorous discourses; love device; decolonial love.

Sumário

Introdução.....	9
Movimento Primeiro: Amar a Falta.....	12
Movimento Segundo: O Amor em Comunidade.....	18
Movimento Terceiro: Descolonizar o Amor.....	24
Considerações Finais.....	27
Referências.....	28

Discursividades Amorosas: agenciamentos descoloniais

Introdução

Pretendemos aqui elaborar um trabalho final de graduação sobre a temática do amor. Partimos de problematizações sobre os livros *O Banquete* de Platão (2011) e *O espírito da Intimidade - Ensinaamentos Ancestrais Africanos Sobre Maneiras de se Relacionar* de Sobonfu Somé (2007). No decorrer do texto utilizamos também o pensamento de Alves; Simonetti; De Jesus (2015), Deleuze (2016), Foucault (2012), Fuganti (2008), Kashindi (2017), Mignolo (2008), Quijano (2010) e Santos (2010) para tecer algumas análises.

Platão, nascido na Grécia Antiga, expõe em sua obra as suas concepções sobre o amor por meio de diálogos entre seus personagens. E Somé, por meio da tradição oral¹ transferida entre as gerações do povo Dagara, compartilha suas sabedorias acerca dos modos de relacionamento de sua comunidade. Portanto, as duas obras diferem-se em relação à compreensão e o sentido dado para as relações amorosas. Dessa forma, tais leituras nos auxiliam a complexificar os modos de ver e perceber o dispositivo² do amor.

Dentre essas discursividades, vale salientar que são os princípios platônicos que carregam a legitimidade hegemônica em suas concepções sobre os modos de amar na modernidade/colonialidade³. Assim, temos a produção de uma conduta que rejeita o mundo e os sentidos dos corpos para

¹ Na Tribo de Dagara, os ensinamentos e sabedoria dos mais velhos são transmitidos através da oralidade. “Uma das características fundamentais das culturas tradicionais africanas é a palavra, a tradição oral (Aguessy). Dito de outro modo, a palavra é um elemento fundamental para a compreensão do pensamento tradicional africano” p.101 (ALVES, SIMONETTI, DE JESUS, 2015).

² É um conjunto multilinear; certo tipo de cadeias de variáveis que disputam entre si; são compostos por multiplicidades (DELEUZE, 2016).

³ A modernidade emerge de um determinado contexto sócio-histórico, em que a sua condição de possibilidade se tornou possível enquanto discursividade por mérito da colonialidade (MALDONADO-TORRES, 2007). Ainda conforme esse autor, a partir da modernidade/colonialidade, emergem novas classificações sociais que são caracterizadas por relações verticais e hierárquicas entre os sujeitos.

chegar a uma suposta verdade, demarcada pela natureza do amor alcançada pelo sujeito em sua ascese⁴ purificadora.

Esses pressupostos demonstram em seus sentidos uma crença na existência de uma epistemologia universal de mundo. Tais tramas institucionais, naturalizadas, capturam e internalizam verdades cristalizadas acerca da existência e sobre o fenômeno do amor ao longo dos séculos. Os efeitos destas noções ressoam em sociedades ocidentalizadas por meio de conjuntos de discursos que produzem realidades baseadas em enunciados racista/machista/patriarcal/eurocêntrico/colonial, que instituem verdades e produzem delimitações de modos de vida. Por sua vez, concepções éticas, ontológicas e epistemológicas oriundas de produções discursivas não ocidentalizadas, têm a potência de abrir fissuras sobre essas verdades instituídas ao produzir novas condições de possibilidades de vivenciar o amor.

Com isso, o presente ensaio teórico tem como objetivos problematizar discursos instituídos pelo eurocentrismo⁵ sobre o dispositivo do amor e provocar um olhar crítico a esse modelo ao expandir o olhar para outras matrizes civilizatórias, na tentativa de reaprender sentidos descolonizados para o fenômeno amoroso.

Deste modo, após a introdução, o ensaio desdobra-se em três movimentos. O primeiro “Amar a Falta” discutiremos a concepção de amor a partir de Platão (2011), ao salientar tal discursividade como base epistemológica na produção do pensamento colonial no Ocidente. No segundo, “O Amor em Comunidade” trata-se de trazer para o texto discursos não ocidentais acerca dos modos de relacionamentos, ao compreender o Amor enquanto uma experiência compartilhada, vivenciada coletivamente ao direcionar o olhar para outra matriz civilizatória. No movimento “Descolonizar o Amor”, busca-se a partir das discursividades apresentadas, questionar os pressupostos epistemológicos que fundam os conhecimentos instituídos, ao

⁴ Conjunto de práticas de domínio de si, consideradas constituintes do homem grego da antiguidade, em sujeito moral e purificado, a partir do controle dos seus desejos, ou ainda, negação das sensações do corpo em relação ao mundo. (Platão, 2011)

⁵ Para Mignolo (2008), eurocentrismo é o nome dado à hegemonia de uma forma de pensar fundamentada no grego e no latim e nas seis línguas europeias e imperiais da modernidade; ou seja, da modernidade/colonialidade.

problematiza-los junto das teorias descoloniais, no intuito de complexificar os modos de compreender e experienciar as relações amorosas. Como considerações finais deste ensaio, enfatiza-se a importância de inventar outros modos possíveis de entendimento e experiências sobre o dispositivo do amor no contemporâneo, ao afirmar as pluralidades de concepções para tal fenômeno na existência humana.

Movimento Primeiro: Amar a Falta

O filósofo grego Platão (2011), em seu livro *O Banquete*, propõe-se a percorrer a temática do amor. A partir do diálogo dos personagens postos nessa obra, acontecem exposições das concepções sobre o amor. Cada um dos participantes, homens brancos e gregos, manifestam aquilo que pensam sobre o fenômeno amoroso, suas particularidades e suas implicações na vida dos sujeitos. Isso acontece, no contexto da obra, para apresentar as principais concepções filosóficas de Platão. Os convidados salientam os diversos sentidos do amor e como ele se faz presente tanto nas práticas afetivas entre os amantes, como também na prática da filosofia, no exercício de uma profissão, entre outras.

Sócrates, personagem que Platão (2011) enfatiza, afirma que o amor está intimamente relacionado ao desejo, pois para ele, o amor consiste na inclinação resultante de um desejo. Sendo assim, o amor exige que, quando se ama algo, exista o desejo por determinado imaginário suposto no objeto amoroso. Portanto, o amor sempre se direciona com algum objeto. Entretanto, como enfatiza esse personagem, este objeto do amor só pode ser desejado quando existe uma falta e não quando se possui.

O amor, nesse sentido, seria a falta, pois ninguém deseja aquilo de que não precisa ou que já tenha. Sócrates, na sua fala, declara que o que se ama é unicamente aquilo que não se tem. O objeto do amor está ausente, mas é solicitado. Ainda, Sócrates menciona a verdade como um exemplo. Para ele, o desejo pela verdade, que é o objeto da filosofia, aponta que ela se mostra como uma falta e que, portanto, deve sempre ser buscada. Mas, por sua natureza engenhosa, a verdade é algo que está sempre mais distante, porque sempre quando se acredita tê-la alcançado, ela nos escorre entre os dedos (PLATÃO, 2011).

O amor em Platão, então, está relacionado a uma tendência natural que visa atingir uma perfeição ética pela busca e encontro do Bem⁶. Seria esse

⁶ Em Platão as noções de Bem e Mal estão diretamente ligadas à moral e tem metafisicamente um sentido fundamental, já que servem de base para todo o sistema de valores sociais. O Bem e Mal são entendidas como formas absolutas e universais desde Sócrates e Platão [...]. Nesse caso, têm um sentido metafísico. O Bem em Platão - diz ele - é o sol que ilumina o mundo (SCHOPKE, 2010). Ou seja, o Bem, é uma noção criada pelo filósofo com a pretensão de

amor que encaminharia os sujeitos a modos de vida e de consciência mais evoluídos⁷. Desse modo, toda ação humana tem como o objetivo final alcançar o Bem. O amor, em sua compreensão mais elevada, consiste na inclinação em chegar ao Bem. Este é um dos sentidos para o amor nesse filósofo e que se institui nas tramas relacionais a partir de noções de ideal de amor produzido na Modernidade/Colonialidade.

Entretanto, podemos perguntar: como esse amor ideal produz sentidos no contemporâneo povoado por multiplicidades de expressões?

O amor em Platão só pode ser compreendido se levada em consideração suas concepções filosóficas e o terreno histórico no qual elas emergiram, se desenvolveram e se tornaram possíveis. Para nos aproximarmos da compreensão dessa noção que se institui como modelo para experiência amorosa, vamos partir de uma abertura proposta por Foucault (2012), em sua obra *História da Sexualidade: o uso dos prazeres*.

Nessa obra é realizada uma análise das questões relacionadas ao modo de como os sujeitos se constituem como sujeito de desejo e de prazer na Grécia Antiga. O autor parte do termo sexualidade para analisar o contexto teórico e prático ao qual ela é associada. Desta forma, verifica que o uso da palavra foi estabelecido em relação a outros fenômenos que possibilitaram e desenvolveram campos de conhecimentos diversos.

A instauração de um conjunto de regras, normas, instituições e as mudanças no modo pelo qual os sujeitos são levados a dar um determinado sentido e valor à sua conduta, prazeres, sentimentos e sensações constituem modos de subjetivação, e é essa dinâmica da relação consigo e com o outro que acaba sendo objeto de reflexão para os gregos.

Dizendo de outro modo, não seria propriamente o ato e sim o conjunto dessa dinâmica do desejo que seria levada à ação, e essa ação, por sua vez, estaria ligada ao prazer, com a qual finalmente seria possível considerar que o prazer ocasionaria o desejo. Assim, trata-se de analisar a formação e o

instituir um sentido considerado mais elevado da existência humana; um certo tipo de “tendência” natural.

⁷ Aqui a ideia de *evoluídos* em Platão (2011), é entendida enquanto homens que alcançam determinado tipo de “evolução”, demonstrada através do domínio de si (conduta “purificada” e honrosa) e da supervalorização do pensamento ideal em detrimento do corpo e das sensações. Nesse sentido, evoluídos são aqueles que acessam tal pensamento “verdadeiro”.

desenvolvimento das práticas pelas quais tais homens foram levados a prestarem atenção em si e a se reconhecerem enquanto sujeitos de desejo, constituindo uma experiência da sexualidade.

Na Grécia Antiga, a atividade sexual era entendida como parte da natureza humana, ou seja, não poderia ser considerada má (FUGANTI, 2008). Os prazeres, nessa perspectiva, são problematizados moralmente, justamente por serem considerados naturalmente⁸ necessários, pois é por meio deles que os seres vivos podem se reproduzir e perpetuar a espécie. Todavia, por ser tomado como inteiramente dependente do corpo e comum a todos os animais, é considerado inferior⁹. A impetuosidade, que também lhe é própria, leva a atitude sexual a transbordar na sua atuação com o desejo. Sendo assim, isso pede uma delimitação: em que medida e até que ponto é cabível praticar a atividade sexual?

A solução dada por Platão (2011) seria de que é preciso discriminar moralmente tal atividade, impondo freios: o temor, a lei e o discurso verdadeiro. Ou seja, se no pensamento grego clássico o prazer constituía demasiada força natural, para Platão seria necessário o enfrentamento de tais forças através da moral, a fim de dominá-las e garantir sua adequada economia, para que assim seja possível viver honrosamente (FUGANTI, 2008). Esse enunciado nos posiciona diante de uma problemática ética: a preocupação grega de como se conduzir. Para Platão (2011), essa ética e o amor constituem uma relação intrínseca.

⁸ A palavra *Natural* no contexto platônico representa a condição do corpo humano em buscar o prazer na reprodução da espécie. Dessa forma, por representar uma condição natural do corpo, torna-se comum a todos os corpos, e, portanto, deve-se controlar e dominar tal “ímpeto natural”, pois o filósofo acreditava que em demasia, tal prazer levava ao dispêndio excessivo de energia. O intuito era a economia dessa energia, para direcioná-la em um investimento em si.

⁹ Nesse sentido, pela condição de reprodução e prazer, ser comum aos animais assim como nos humanos, o que diferenciava os sujeitos é o acesso à razão através do mundo das ideias. Assim sendo, os homens (daquele contexto) são considerados evoluídos em Platão (2011) por produzir pensamento; já os demais seres não racionais são considerados *inferiores* por estarem presos à condição natural do corpo e seus sentidos. Esses pressupostos da colonialidade eurocêntrica fundam concepções de mundo baseadas em dicotomias e dualismos, ao diferenciar a população do mundo entre inferiores e superiores, irracionais e racionais, primitivos e civilizados (QUIJANO, 1991). Dessa forma, essa lógica classifica e objetifica os sujeitos, ao perpetuar tal hierarquia.

Nessa perspectiva, a relação entre rapazes¹⁰ é vista como algo que era comum entre os corpos e arrebatador. Também, por isso, os gregos procuravam exercer essas práticas de forma que elaborassem condutas dignas e que não desonrassem suas famílias, a *polis*, entre outros. Percebe-se aí a constituição de uma subjetividade que passa a questionar o uso dos prazeres e em como conduzir-se na relação com o ser amado.

Havia também uma preocupação com a honra devido aos vexames oriundos da atração dos mais velhos pelos rapazes e vice-versa; portanto, uma forma de modificar esse modo de relacionar-se com o outro a partir de um cuidado de si (FOUCAULT, 2012). Emergem cuidados de si, noções que, nesse contexto, se baseiam em critérios que negam o corpo a partir da abstenção, como um tipo de demonstração de domínio próprio. Acontece, portanto, uma inversão da situação: da dominação estabelecida pelos rapazes através da provocação aos corpos decadentes que os leva ao excesso e ao arrebatamento, por um domínio de si, a partir da abstenção dos prazeres do corpo, da negação e redirecionamento do desejo (FUGANTI, 2008).

Assim sendo, os homens devem estar preparados para serem os senhores de seus prazeres. Aquele que sabe o que quer e que se porta de maneira dita honrosa na relação com o outro, demonstrando o prazer que exerce sobre si, de acordo com a moral do cuidado de si platônico.

O discurso idealista, a partir das reflexões sobre a conduta, surge com o intuito de alcançar algo que era entendido como um pressuposto existente para o filósofo: a verdade; e que para chegar nela é preciso conquistar uma conduta purificada. E é essa relação com a verdade que irá estruturar o discurso do filósofo.

Não é na conduta, mas na natureza ou verdade do desejo que está o verdadeiro problema e a verdadeira prova de sabedoria e liberdade. Ou seja, o que nos diz o discurso platônico é que a condição de acesso à verdade será demarcada pela natureza do amor que o sujeito conquista em sua ascensão purificadora e nas práticas de domínio de si que o constituem como sujeito

¹⁰ Nessa dinâmica que direciona e constitui o sujeito dito ideal para o amor, eram considerados apenas sujeitos de direitos os homens brancos, que representavam a maior parte constituinte da cidade, sobrepondo-se a todas as diversas formas de existência daquele contexto; sua filosofia e entendimento de gestão da polis não considerava, ou ainda, desumanizava outras formas de estar em comunidade.

moral. Assim, a relação entre o mundo dos corpos e o mundo dos ideais será possível por meio do verdadeiro amor, o amor pela verdade. Da mesma forma, o verdadeiro amor é um grande desejo de imortalidade, eternidade e do além.

Podemos pensar uma crítica com Fuganti (2008) na qual essas normativas criam um novo desejo naquele contexto: o “amor verdadeiro” que pertence ao “homem purificado” e liberto dos prazeres corporais; o desejo de ser um homem virtuoso, aquele que purifica sua alma e liga seu desejo às ideias permanentes. Antes do discurso platônico, a preocupação dos gregos consistia em como conduzir-se diante das paixões arrebatadoras. Com o surgimento dessa narrativa, a reflexão fora direcionada para uma busca do ser do amor, definindo o verdadeiro amor e o verdadeiro amante. É o discurso purificado, de acordo com Fuganti (2008), que irá impulsionar esse pensamento acerca do amor, bem como aquele que inaugura o sujeito do conhecimento, e com o pensamento rigoroso teríamos acesso à dita verdade universal. Dizendo de outro modo, a verdade não pertence mais a um tempo particular como na Grécia Antiga, mas está fora, transcende a dimensão temporal para entrar no domínio do imperecível.

Por conseguinte, em nome de um enigmático bem, na Grécia Antiga é fundada a crença nas essências inteligíveis com valores supremos que existem separados do corpo sensível, e também é criada uma hierarquia de sentidos apreendidos ao mesmo tempo como causas da ordem universal e paradigmas das condutas humanas, restituindo assim a ordem ideal. Esse valor que emerge pela invenção de uma ficção, pela condensação da crença em um mundo ideal e perfeito.

Por sua vez, esses enunciados atuam como vínculos que terão de permanecer durante a vida. Ou seja, discursos instituídos como verdadeiros conduziram e conduzem nossas experiências, inclusive as amorosas. É interessante saber como que se constituem as experiências de si e dos outros a partir desse vínculo e dessa obrigação. Para Foucault (2016), as verdades são como algo que se encontra na raiz de certos tipos de discursos, faz com que passem por legítimos, atuam como obrigações e que produzem formas de viver. Com isso, podemos nos questionar como nos constituímos em relação a essas verdades e como experienciar o amor a partir desses vínculos.

Esses mesmos valores idealizados, absolutos e verdadeiros, ainda podem ser observados enquanto bases constitutivas dos valores da lógica na qual vivemos atualmente, pois estão a compor a modernidade/colonialidade. Por exemplo, no paradigma positivista, que seria como certo tipo de refinamento da instituição da verdade como instância suprema, tem como expressão máxima e legitimada a razão cartesiana. Essa ótica de mundo emerge inspirada na filosofia platônica, e que, apesar de constituir-se em meio às rupturas e contingências, está interligada ao surgimento da epistemologia do pensamento colonial.

Movimento Segundo: O Amor em Comunidade

Na obra de Sobonfu Somé (2007), a autora nos insere em uma discussão não sistematizada, de fragmentos sobre os modos de relações; ao produzir paisagens a partir de sua compreensão de intimidade, enquanto sentido primordial do relacionar-se em sua comunidade. Somé compartilha a sua experiência e vivências na tribo africana Dagara, em *O espírito da Intimidade, Ensinos Ancestrais Africanos sobre maneiras de se relacionar*, apresentando outra forma de experienciar o amor.

Sobre a comunidade em Dagara, Somé nos diz que não tem amenidades que o povo do Ocidente tem. É uma vida “inspirada pela terra” (SOMÉ, 2007, p.10), eles plantam o que consomem; tendo como experiência outra relação com a produção. E a principal fonte de negociação é a troca. Na vida em comunidade, a pessoa é forçada a diminuir de ritmo, a vivenciar o momento e a comungar com a terra e a natureza. Nesse sentido, de acordo com Kashindi (2017) uma vez que qualquer vida humana depende de outras vidas não humanas (ar, água, espaço), resulta que os seres humanos receberam e continuam a receber a vida de outros seres não humanos. Para Kashindi (2017) “a ética tradicional africana reconhece o vínculo existencial entre as pessoas e o meio ambiente, a dívida que cada geração deve aos seus antepassados e sua consequente responsabilidade para com o seu legado” (p.34).

A intimidade para a comunidade em Dagara, em termos gerais, apresentados por Somé (2007) é uma canção do espírito, que convida duas pessoas a compartilharem seus espíritos. Para os ensinamentos africanos, existe uma dimensão espiritual, independentemente de sua origem. Duas pessoas unem-se porque o espírito as quer juntas. Assim, é “importante ver o relacionamento como algo movido pelo espírito e não pelo indivíduo” (SOMÉ, 2007, p. 19). Da mesma forma, a noção de espírito auxilia a manter a conexão consigo e com o coletivo.

Os ancestrais também são chamados de espíritos; tal espírito tem a capacidade de ver não só o mundo invisível do espírito, mas também este mundo (SOMÉ, 2007). “Eles veem dentro e fora de nós. Sua visão cria

dimensões” (p. 20). Em um relacionamento existe uma “tendência natural” de os espíritos se unirem (p. 23). Quando dois espíritos conseguem de fato comungar profundamente, as pessoas formam uma ligação muito forte, sincera e amorosa.

Somé (2007), ao pensar sobre os integrantes da tribo que vão à cidade, conta que em sua maioria deixam de desenvolver a conexão com o espírito, o deixam de lado. Quando vão para a cidade se desconectam no espírito e só procuram quando precisam resolver algum problema. A autora ao pensar as relações do Ocidente, acredita que os relacionamentos são movidos pelo ego e pelo controle; e que, portanto, se faz necessário reconhecer que os relacionamentos são baseados no espírito.

A separação do espírito como vimos aqui no Ocidente, tem como consequência fazer as pessoas darem uma importância desmedida ao amor romântico. Essa separação cria um forte desejo por outra pessoa, faz ansiar por uma forma de conexão. O amor romântico, porém, é apenas uma outra forma de descobrir essa conexão, que é a do espírito, aquele que de fato estamos procurando (SOMÉ, 2007, p. 27).

Assim sendo, na comunidade existe uma forte crença em um espírito poderoso presente, que deve ser honrado, ao invés de desprezado, para que se tenha prosperidade nos relacionamentos. Na comunidade, esse ensinamento é transmitido para a criança pra que assim ela possa se conectar e reconhecer a existência desse espírito (SOMÉ, 2007). Esse comprometimento com os antepassados de acordo com Kashindi (2017) representa que cada geração deve reconhecer uma dívida para com os seus antepassados e, por isso, deve responder à mesma através da responsabilidade pelo seu legado. Dessa forma, se dá continuidade a busca de fortalecer e solidificar a força da vida, considerada como a pedra angular da ética africana. Assim sendo, cada geração deve reconhecer uma dívida para com os seus antepassados e, por isso, deve responder à mesma através desse comprometimento.

A comunidade é o lugar onde as pessoas compartilham seus dons e recebem as dádivas dos outros. Quando não se tem comunidade, não é ouvido. Essa carência enfraquece a “psique”, tornando a pessoa vulnerável ao

consumismo e todas as coisas que o acompanham (SOMÉ, 2007, p. 28). Quando não descarregamos os dons, vivenciamos um bloqueio interior que nos afeta espiritual, mental e fisicamente. Um dos princípios de Dagara sobre relacionamentos é que não é assunto privado, “nosso” relacionamento não é sobre dois (p.28). Aqui, junto de Kashindi (2017), vislumbra-se a relacionalidade da vida para a comunidade “qualquer pessoa, depende de outras pessoas; a partir disso, pode-se afirmar que ninguém é totalmente independente e ninguém é definitivamente inútil” (p.11). Pois para o autor, na cosmovisão Ubuntu¹¹, toda a vida é relacional.

Para Somé (2007), na comunidade em que vive, não é possível viver um relacionamento em uma cultura moderna, pois não se tem uma noção de comunidade; logo as pessoas são forçadas em dizer esse relacionamento é nosso quando na verdade é da comunidade. A ausência de uma verdadeira comunidade deixa o casal responsável por si e pelas coisas a sua volta. Assim as possibilidades de atender suas necessidades ficam reduzidas. O relacionamento acaba a se tornar a comunidade da pessoa. Quando não preenche esse papel, de produzir uma comunidade, o sujeito sente-se fracassado. Dessa maneira, segundo a autora, se afeta a “psique” das pessoas, pois, faz com que se sintam sem lugar de pertencimento (p.28).

Desse modo, viver sozinho empobrece as possibilidades de vida. Porém, para Somé (2007), quando se tem um grupo que se preocupa, este ajuda a trabalhar o propósito de vida, porém, quando isso acontece somente a dois, isso se torna mais difícil, é exigir demais. Segundo Somé (2007) trazer o espírito de outras pessoas para nossas vidas é importante, pois ajuda a ver e a superar limitações. A realidade se expande, pois, manter tudo no privado pode acabar o relacionamento. Assim sendo, “precisamos estar abertos às outras pessoas para que os relacionamentos funcionem” (SOMÉ, p. 35). Para Kashindi (2017) estar com o Outro é perceber a interdependência que nos constitui como seres humanos, é estar consciente da força vital que possibilita

¹¹ “Quando dizemos que *ubuntu* é a humanidade como um valor, a principal alusão que se faz é ao valor da vida. Uma vez que todos os demais valores que expressam *ubuntu* – a generosidade, a solidariedade, a responsabilidade, a partilha, a empatia, a compaixão, etc. – ficam sem nenhum fundamento se não servirem para gerar mais vida, vivenciar *ubuntu* é, então, viver sempre com valores com o intuito de aumentar tanto a própria vida quanto a dos outros” (KASHINDI, 2017, p. 21).

a nossa permanência na vida. Assim, esse “Outro” para a ética africana, não é apenas os seres humanos, mas também outros seres animados e inanimados (KASHINDI, 2007, p. 22).

Do mesmo modo, ao pensar a produção da intimidade no Ocidente, Somé (2007) reforça a importância de constituir uma comunidade. Para ela, aqueles que moram no Ocidente podem criar uma noção de comunidade em sua cidade. Podem fazer isso constantemente, apoiando uns aos outros, pois cada um de nós precisa de algo para se apoiar. Ao pensar em grupos que seguem um objetivo comum no Ocidente, Somé (2007) diz que são tentativas de recriar uma comunidade maior, já que as que existiam foram destruídas. A única diferença é que a maioria dessas comunidades não se concentra no espírito. Tendem a deixar o espírito fora de sua comunidade, o que vem a ser um erro, pois o espírito existe como um guia de toda comunidade.

Quando uma criança cresce achando que sua mãe e seu pai são sua única comunidade, quando tem problema e os pais não conseguem resolvê-los, não tem a quem recorrer. Os pais são os únicos responsáveis por aquilo que as crianças se tornam. Existe, dessa forma, uma grande responsabilização dos pais, que se encontram presos à instituição família, homem/pai e mulher/mãe. Dar a criança um sentido maior de comunidade ajuda a não depender apenas de um adulto. Assim, a criança pode procurar alguém de sua escolha. Como seres humanos, somos limitados. Por isso, Somé e sua comunidade acreditam na potência da comunidade, pois, para educar, precisamos do apoio dos outros (SOMÉ, 2007, p. 38). Essa determinada interação entre seres humanos e outros seres ou entidades cósmicas tem como sentido para a comunidade, primordialmente, o de “gerar, cuidar e transmitir a vida” (KASHINDI, 2017, p.21). Dessa forma, a vida é considerada, na cosmovisão africana, como o valor maior, o bem supremo que atua em rede e que deve ser transmitido desde pequenos.

Ao questionar-se como podemos progredir para uma estrutura familiar de relacionamentos “sãos”, Somé (2007) diz que “o fator principal, é a comunidade construir comunidades que se possam confiar uns nos outros” (p. 38), e continua, ao dizer que podemos começar a expandir nossa comunidade

saindo de casa, conversar com os vizinhos e nos ajudar mutuamente. Nutrir pequenos relacionamentos para que, um dia, a comunidade possa se beneficiar. Para criar uma comunidade que funcione, “é preciso observar cuidadosamente alguns de seus fundamentos: espírito, criança, anciãos, responsabilidade, generosidade, confiança, ancestrais e rituais” (p.40). Para a autora, esses elementos formam uma base para a comunidade.

O sentido do ritual em Dagara é uma cerimônia em que é chamado o espírito para servir de guia, para supervisionar nossas atividades. “Os elementos do ritual nos permitem estabelecer conexão com o próprio ser, com a comunidade e com as forças naturais em nossa própria volta” (SOMÉ, 2007, p. 47). Nesse sentido, através de rituais pode-se criar vínculos compartilhados de intimidade, ao fortalecer a coletividade.

Segundo Somé (2007) o ritual é, portanto, como um jantar no qual cada um traz um ingrediente. Algumas pessoas trazem cebolas, outros tomates, algumas trazem alface, pimenta ou pimentão e assim por diante. “Depois de reunir todos os elementos, você verifica quais funcionam melhor, todo conceito de intimidade é fundamentalmente derivado do ritual” (SOMÉ, 2007, p. 52).

Na aldeia, a poligamia acontece de forma natural. Não é vista como adultério, porque não é escondida e é adotada somente com a aprovação da esposa. Cabe a ela decidir se quer outra mulher na casa. Uma segunda esposa entra na família como em qualquer outra casa, então, muitas mulheres escolhem isso para trazer mais energia feminina para a casa e torna-la mais alegre. Para eles, isso não é considerado como “promiscuidade”. “É uma atitude que a mulher toma quando sente-se alegre em seu relacionamento e quer trazer outras mulheres para dividir essa alegria com ela” (SOMÉ, 2007, p. 87). Para os ensinamentos de Dagara, uma forma de começar a caminhar na direção de uma vida íntima saudável é a de reconhecer a existência do divino em todos os elementos e seres constituintes da vida.

Quando entendemos que a terra na qual caminhamos não é apenas sujeira, que as árvores e os animais não são apenas fontes para nosso consumo, então podemos começar a nos aceitar como espíritos, vibrando em uníssono com todos os outros espíritos à nossa volta. Nossa conexão com todos esses espíritos viventes ajuda a determinar o tipo de vida íntima que teremos (SOMÉ, 2007, p. 89).

Na aldeia, acredita-se que o propósito mais valioso da intimidade saudável, além de seu bem-estar e do bem-estar em seu próprio relacionamento, é o poder de aumentar a energia curadora de tudo à sua volta. “Damos porque queremos dar e não nos isolamos ou nos retiramos da sociedade. Somos estimulados a expandir e compartilhar nossas dádivas, como casal, com a comunidade” (SOMÉ, 2007, p. 102).

Em Dagara, os conflitos nascem de desafios apresentados pelo espírito. São dádivas que ajudam a avançar. “É por meio do conflito que ganhamos conhecimento de nós mesmos e descobrimos novas situações para pôr em prática nossos dons” (SOMÉ, 2007, p.113). A autora refere que para a comunidade o conflito não deve ser nutrido, mas ouvido. De modo que devemos tomar medidas apropriadas para lidar com o espírito por trás do conflito, pois ele é como um aviso que a energia espiritual está estagnando e precisa de movimento.

Assim sendo, o sentido de vida, para a ética africana é a continuidade da existência; da mesma forma, a transmissão de tal compreensão é um compromisso ético com o fortalecimento dessa vida. O relacionamento amoroso, assim como qualquer outro vínculo, é vivenciado em coletividade e está intimamente atrelado ao fortalecimento da existência. O viver estabelecido em rede tona-se mais forte e promissor a partir dessa visão. Esses pressupostos demonstram que a coletividade é o maior valor da comunidade, em contraponto ao individualismo, sentimento de falta e idealizações pertinentes a crenças em um homem onipotente/onipresente diante do mundo. Em Dagara, por se ter determinada razão de mundo, o relacionar-se é inerente à trama existencial, composta pela multiplicidade de expressões da vida.

Movimento Terceiro: Descolonizar o Amor

O giro epistêmico descolonial é uma consequência da formação e constituição da matriz colonial do poder, que tem como base o eurocentrismo, atuando diretamente na constituição da modernidade; que, historicamente promove uma apropriação da legitimidade colonial do poder (QUIJANO, 2010).

Para tal compreensão, é fundamental se desprender e promover outros sentidos sobre as concepções de racionalidade e ciência. Assim, o pensamento descolonial inaugura uma alternativa contra à hegemonia do eurocentrismo, ao abrir condições de possibilidades para um pensamento que pressupõe a diferença e a pluriversidade do conhecimento (MIGNOLO; CASTRO GÓMEZ, 2007).

Walter e Castro Gómez (2007) salientam que o pensamento descolonial tem como objetivo a descolonialidade do poder, do saber e do ser no sentido de repensar os discursos hegemônicos com o propósito de possibilitar movimentos de desprendimento e abertura à pluriversalidade. A colonialidade do ser, conceito desenvolvido por Maldonado-Torres (2007), diz respeito à experiência vivida do colonialismo e os efeitos da mesma na linguagem de uma sociedade; esse fenômeno social representa a identidade de um determinado corpo social. O conceito de *colonialidade do ser* emerge como um desdobramento da colonialidade do poder, e torna-se fundamental para pensar os efeitos da colonialidade na experiência existencial, subjetiva e histórica dos sujeitos.

Portanto, ela também se expressa na constituição dos modos de se relacionar e experienciar as relações amorosas, ao perpetuar as concepções de um ideal colonial de amor.

O discurso idealizado platônico do amor apresenta um descaso com o mundo sensível, dos afetos, da espiritualidade¹², da pluriversidade dos modos de relação e da diversidade dos encontros; assim como a universalização de

¹² Na matriz civilizatória africana, a espiritualidade é uma dimensão mítica fundamental da existência. “O pensamento mítico não implica ausência de racionalidade, mas uma utilização da razão de modo diferente daquela proposta pelo pensamento científico” p.107 (ALVEZ, SIMONETTI, DE JESUS apud ATLAN, 2015).

uma verdade que ocasiona e permanece a produzir epistemicídios¹³ de outros saberes em prol de um sujeito ideal possuidor de uma razão universal; ou seja, tais discursos coloniais, constituem mecanismos institucionais, que por sua vez fortalecem a invisibilização, marginalização e opressão das demais formas coexistentes que se diferem do modelo normativo e hegemônico do Ocidente.

Estas crenças influenciam diretamente o modo como nos relacionamos amorosamente, pois essa noção de mundo se pretende enquanto forma unívoca e legítima de experienciar as relações amorosas, gerando sofrimento àqueles corpos que não vivenciam o amor da mesma forma.

A lógica Ocidental ao estar colocada e naturalizada como uma formação histórica legítima de perceber e estar no mundo, realiza a manutenção de estratificações¹⁴ afetivas no presente. Entretanto, essa lógica idealista de conceber a existência passa a cristalizar o devir dos corpos no mundo. Torna-se fundamental o movimento de problematizar os discursos regularizadores dos modos de vida e produção de conhecimento.

Em contraponto à experiência calcada pelo eurocentrismo sobre o dispositivo do amor, os saberes ancestrais, de Sobunfu Somé (2007), nos apresentam paisagens de relações amorosas não baseadas na falta, ou ainda, em um ideal. Sua leitura nos sinaliza um modo de relacionar-se que não tem como pressupostos critérios baseados em individualismos e/ou imagens idealizadas de mundo; inversamente, traz como ponto de condução, um modo de relacionamento ético com o espírito da comunidade e da intimidade produzida em meio às variedades de relações coletivas da qual faz parte, diferindo-se, assim, de relações amorosas baseadas em normativas combinatórias, monogâmicas e dicotômicas.

A partir da matriz civilizatória africana, Somé (2007) nos apresenta o modo de relação de sua comunidade constituída como uma rede de apoio que

¹³ Para Santos, o fascismo epistemológico existe sob a forma de epistemicídio, cuja versão mais violenta foi a conversão forçada e a supressão dos conhecimentos não ocidentais levados a cabo pelo colonialismo europeu p. 106 (ALVEZ, SIMONETTI, DE JESUS apud SANTOS, 2015).

¹⁴ Deleuze (1925-1995) elabora um Diagrama da subjetividade sobre o pensamento foucaultiano, constituído de três planos e uma invaginação: Plano do Saber ou também chamado de Estratos; Plano do Poder ou das forças e o Plano do Fora, contendo também uma invaginação relativa à dobra da subjetividade. Os estratos ou saberes que compõem esse diagrama estão relacionados e dizem respeito ao aparelho audiovisual composto por um regime de dizibilidade formado por enunciados (as palavras) e por visibilidades (as coisas).

se fortalece no coletivo e nas bases dos relacionamentos daquele determinado espaço e tempo. Outras condições de perceber o amor; conexões com os espíritos e sintonia com os ancestrais. Nesse sentido, somos convidados a ampliar o campo do pensável com outros modos de vida que resistem à colonialidade dos corpos.

Do mesmo modo, Santos (2010) propõe a “ecologia dos saberes”, ou seja, a tentativa de minimizar o máximo a assimetria entre diferentes saberes. Para o autor, as diferenças entre epistemologias de saberes, podem diminuir a partir do exercício de comparações na tentativa de buscar limitações e possíveis comuns. A proposta que Santos (2010) faz sobre a “ecologia dos saberes”, se refere a uma “epistemologia da doura ignorância”, isto é, levar ao máximo à consciência a incompletude de cada saber por meio do “trabalho de tradução”- procedimento de busca de proporção e correspondência entre os saberes. (p.544). Dizendo de outro modo, esse seria um tipo de procedimento capaz de “criar uma inteligibilidade mútua entre experiências possíveis e disponíveis” (ALVES, SIMONETTI, DE JESUS, 2015) sem destituir a sua identidade (SANTOS, 2015), que se contrapõe a uma teoria geral que busca dar conta, da diversidade de experiências humanas.

Dessa forma, o objetivo pautado no pensamento descolonial, é o de expandir modos de pensar e habitar o próprio corpo, questionar os modelos possuidores em seu âmago, de uma exclusão das diversidades, singularidades e do pluralismo. Dizendo de outra maneira, problematizar discursos instituídos pelo eurocentrismo sobre o dispositivo amor é como um movimento de construir novas formas de experienciá-lo e vivê-lo; torna-se, portanto, vital provocar um olhar crítico na tentativa de reaprender sentidos não coloniais para tal fenômeno amoroso, intrínseco às relações humanas. Desafia-se, portanto, o que se faz familiar e já está pautado como verdade universal.

Por conseguinte, ao tentar produzir um olhar atento e sensível às forças instituintes dos modos de relacionar-se não coloniais, percebe-se a complexidade do tema; justamente pelas riquezas de modalidades existenciais para tal fenômeno no mundo. Múltiplas matrizes civilizatórias, que por sua vez produzem diferentes condições de possibilidades para experienciar os encontros a partir de suas discursividades amorosas.

Considerações Finais

Posto isso, na tentativa de produzir comunicações entre as diferentes modalidades de pensamentos, e para a compreensão das possibilidades e limitações dessa comunicação, são imprescindíveis o reconhecimento da existência da multiplicidade de modos de se ter razão, diferentes racionalidades, e da mesma forma, as abundantes especificidades de experienciar o amor. Para isso, torna-se fundamental compreender as relações constituintes de determinadas discursividades; e da noção de temporalidade e de espacialidade dos saberes, ou seja, a compreensão de que cada conhecimento corresponde a interesses e necessidades, relativos ao tempo e espaço de um determinado grupo, coletividade, sociedade (ALVEZ; SIMONETI; DE JESUS, 2015).

Portanto, como considerações finais desse ensaio considera-se importante exercitar o corpo para conhecer cada vez mais o que podemos superar e o que ainda não podemos no que tange às concepções pretensiosamente universais. Ao reconhecer a existência de diferentes racionalidades, estamos a combater a noção de humano produzida por aspirações ideais, para criar outros modos de vida, afirmar outras condições e complexificar os modos de existir amorosamente no contemporâneo.

Não somos iguais, e por isso, cabe a nós afirmar as nossas pluralidades e diferentes forças constituíntes de tudo o que nos cerca e/ou nos afeta na existência humana. É a partir desse tipo de ética, que surge como desafio o inventar outros modos possíveis para o entendimento sobre o dispositivo do amor nos dias de hoje.

Referências

ALVES, Míriam; SEMINOTTI, Nedio; DE JESUS, Jayro, P. **Conhecimentos e Verdades: Racionalidades em Questão!** In: Psicologia & espiritualidade. Org. Leonardo Machado da Silva, Maria Lúcia Andreoli de Moraes.-Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015. 163p.

DELEUZE, Gilles. **Dois regimes de loucos: textos e entrevistas.** (1975-1995) Gilles Deleuze; edição preparada por David Lapoujade; tradução de Guilherme Ivo; revisão técnica de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2016 (1ª Edição). 448 p. (Coleção TRANS)

FEYERABEND, Paul, Karl. **A Conquista da abundância: uma história da abstração versus a riqueza do ser.** São Leopoldo: UNISINOS, 2006.

KASHINDI, Jean Bosco Kakozi. **Ubuntu como ética Africana, humanista e inclusiva.** Cadernos IHUideias. Ano 15. nº 254 . vol. 15 .UNISINOS, 2017.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres.** Rio de Janeiro: Graal, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Subjetividade e Verdade.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2016.

FUGANTI, Luis. A. **Saúde, desejo e pensamento.** São Paulo: Hucitec, 2008.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: **CASTRO-GÓMEZ, S. et al (Orgs.) El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global.** Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto Pensar, p. 127-168, 2007.

MIGNOLO, Walter. **DESOBEDIÊNCIA EPISTÊMICA: A OPÇÃO DESCOLONIAL E O SIGNIFICADO DE IDENTIDADE EM POLÍTICA.** Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, n. 34, p. 287-324, 2008.

MIGNOLO, Walter. **El pensamiento Decolonial: Desprendimiento y apertura.** In: CASTRO GÓMEZ, en Santiago coord. El giro Decolonial. IESCO: Bogotá, p.25-47, 2007.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder e classificação social.** In. Epistemologias do Sul / org. Boaventura de Sousa Santos, Maria Paula Meneses. São Paulo: Cortez, 2010.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidad y Modernidad/Racionalidad.** Perú Indígena. p. 11-21, 1991.

PLATÃO. **O Banquete.** Belém: Editora UFPA, 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes.** In. Epistemologias do Sul / org. Boaventura de Sousa Santos, Maria Paula Meneses. São Paulo: Cortez, 2010.

SHOPKE, Regina. **Dicionário filosófico: conceitos fundamentais.** São Paulo: Martins Fontes, 2010.

SOMÉ, Sobonfu. **O espírito da Intimidade, Ensinamentos Ancestrais Africanos sobre maneiras de se relacionar.** São Paulo: Editora Odysseus, 2007.

·
,